



Saulo Matias Dourado*

RESUMO

Edith Stein, uma notável filósofa alemã de origem judaica, desempenhou papel crucial na fusão da fenomenologia com o tomismo. Sua jornada intelectual começou com o estudo das *Investigações Lógicas* de Edmund Husserl, obra na qual ela encontrou uma abordagem que harmonizava a subjetividade com a objetividade, mergulhando na exploração da relação entre o eu pensante e o mundo circundante. O ápice de sua pesquisa inicial resultou na formulação do conceito de “empatia”, que aprofundou a compreensão das experiências alheias. A conversão de Stein ao catolicismo a levou a investigar o diálogo entre a fenomenologia e o tomismo, duas correntes filosóficas aparentemente díspares. Ela sustentou a tese de que a razão humana possui a capacidade de buscar a verdade infinita, uma concepção que ecoa os princípios de Tomás de Aquino. Nesse contexto, Stein apresentou uma visão integrada na qual a razão e a fé não são conceitos mutuamente exclusivos, mas, ao contrário, se complementam de maneira harmoniosa. Seu legado persiste, influenciando gerações subsequentes de filósofos e teólogos, contribuindo para elaborações entre transcendência e imanência na contemporaneidade.

Palavras-chave: Edith Stein. Fenomenologia. Tomismo.

Eternidad establecida: La trayectoria intelectual de Edith Stein

RESUMEN

Edith Stein, una destacada filósofa alemana de origen judío, desempeñó un papel crucial en la fusión de la fenomenología con el tomismo. Su viaje intelectual comenzó con el estudio de las *Investigaciones Lógicas* de Edmund Husserl, donde encontró un enfoque que armonizaba la subjetividad con la objetividad, sumergiéndose en la exploración de la relación entre el yo pensante y el mundo circundante. La cúspide de su investigación inicial dio como resultado la formulación del concepto de “empatía”, que profundizó la comprensión de las experiencias ajenas. La conversión de Stein al catolicismo la llevó a investigar el diálogo entre la fenomenología y el tomismo, dos corrientes filosóficas aparentemente dispares. Sostuvo la tesis de que la razón humana tiene la capacidad de buscar la verdad infinita, una concepción que hace eco de los principios de Tomás de Aquino. En este contexto, Stein presentó una visión integrada en la que la razón y la fe no son conceptos mutuamente excluyentes, sino que, por el contrario, se complementan de manera armoniosa. Su legado perdura, influenciando a generaciones posteriores de filósofos y teólogos, y contribuyendo a las reflexiones sobre la trascendencia y la immanencia en la contemporaneidad.

Palabras-clave: Edith Stein. Fenomenologia. Tomismo.

* Doutorando em Filosofia pela Universidade Federal da Bahia. Professor desde 2012, com experiências no Fundamental I, II, Ensino Médio, EJA e Ensino Superior, no setor privado e público. Trabalha como autor e consultor educacional para redes de ensino e atualmente é coordenador pedagógico da Formação Ensino Médio: Tecendo Redes de Conhecimento, parceria entre FGV e Secretaria de Educação da Bahia, destinado à toda rede estadual baiana. Foi coordenador da área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas para a redação do Documento Curricular Referencial da Bahia (DCRB), a partir do proBNCC, e participou da redação dos currículos de Filosofia, de Projeto de Vida e de Itinerários Formativos. Pesquisa Filosofia Medieval e Filosofia da Educação. Também se dedica à literatura, com títulos infantojuvenis selecionados para distribuição escolar pelo PNLD Literário e pela Secretaria Municipal de Educação de São Paulo. E-mail: saulomdourado@gmail.com. Currículo Lattes: Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6395-8978>.

Introdução

As ideias fenomenológicas de Husserl proporcionaram a Edith Stein os fundamentos para uma visão de mundo que combinava uma profunda exploração da consciência e dos fenômenos, evitando cair em extremos subjetivistas ou mecanicistas. Esta busca pela verdade, que não se desligava do buscador, a levou a desenvolver uma filosofia única que unia a fenomenologia com a filosofia tomista. Neste artigo, percorreremos a jornada de vida de Edith Stein e exploraremos como ela reconciliou essas duas tradições filosóficas, fazendo contribuições significativas para a compreensão da relação entre o eu pensante e o mundo que o rodeia, bem como a busca pela verdade em um contexto histórico brutal.

Notas biográficas e formação intelectual

Uma estudante alemã de origem judaica, frustrada com os estudos de Psicologia em sua cidade natal, lê o tratado de um filósofo que era um dos grandes acontecimentos da década, Edmund Husserl, o patrono da fenomenologia com as suas *Investigações Lógicas*, e encontra a visão de mundo que intuía saber existir. São os fundamentos para uma relação do eu pensante com o mundo que partia de uma mobilização da consciência ante os fenômenos do mundo, sem ser apenas subjetivista ou, pelo contrário, mecânica demais, e sim o princípio de que cada um de nós é uma pessoa que depende de vários elos da realidade ao redor para ser quem é. Eis uma busca pela verdade sem perder de vista aquele que busca, uma objetividade que não era positivista, como muitos alçavam, e nem só idealista, como outros contrapunham. Mas um olhar preciso que cuidava da individualidade em contato e dos pensamentos sobre as coisas.

O encantamento de Edith Stein pelo pensamento de Husserl se fortaleceu quando veio a notícia de que ele aceitava mulheres em seu grupo de estudos e que a primeira doutora em Filosofia na história universitária alemã, Hedwig Conrad-Martius, tinha escrito uma tese sob sua orientação naquele mesmo ano de 1912 e recebido um prêmio. A estudante frustrada de Psicologia pede, então, autorização à mãe, uma judia ortodoxa e tradicional, mas intuitiva quanto ao destino de uma de suas caçulas, e recebe o aval para embarcar com um amigo rumo à Universidade de Göttingen, no

próximo verão. Edith Stein tinha 21 anos e seria logo admitida como uma das mais entusiasmadas pesquisadoras de fenomenologia, sem mais conseguir voltar. É o que ela narra em um dos melhores livros de memórias filosóficas desse século que passou, um verdadeiro romance de formação, *Vida de uma família judia e outros escritos autobiográficos*.

Por falar em biografia, qual a imagem que temos honestamente de um filósofo? Qual modo de vida imaginamos que ele vá tecer? Serão descobertas teóricas, expansões de pensamento, dúvidas, retornos a princípios, confrontos de ideias, conflitos de vida privada e vida pública, repercussão de obras, caminhos e descaminhos e algum privilégio para a contemplação? Edmund Husserl, por exemplo, cumpre bem as etapas daquilo que seria um acadêmico arquetípico da área: parte de algumas intuições na psicologia, atravessa a matemática pela filosofia, escreve uma tese original, torna-se professor universitário e escreve livros cada vez mais comentados. É um judeu na Alemanha, que se converte ao protestantismo, sabe dos percalços do antissemitismo em seu meio, mas até 1933 nenhum empecilho que traga uma real dificuldade para a sua expansão lhe acomete. Desenvolve uma corrente filosófica e tem seguidores dos mais brilhantes, como Max Scheler (1874-1928), e um discípulo como Martin Heidegger (1889-1976). Edith Stein é também uma das célebres continuadoras de seu método, mas o século, sua condição e sua origem a conduzirão para outra espécie de trajetória, talvez única na área.

Se por um ano e meio ela vive como uma estudante universitária em seus mais alegres e dedicados tempos, em 1914 vê cair sobre o curso, tal como sobre toda a Europa, a Grande Guerra. Quase todos os alunos são convocados, e mesmo os professores são pouco a pouco levados para o *front*. Um dos mais promissores do grupo, aquele que propunha unir a fenomenologia com a física, Adolf Reinach, morre em combate. Edith se alista como enfermeira e é alocada no campo militar de Mährisch-Weisskirchen, na Áustria, para o Hospital da Cruz Vermelha. A visão é puro horror: homens feridos em série, corpos dilacerados, cheiro persistente de pólvora e de sangue, além dos cuidados com o tifo, a gripe e o cólera. Em meio ano de serviço contínuo, os nervos de Edith chegam ao limite, e da experiência sobrevém uma questão: é possível o indivíduo sentir em si mesmo uma vivência que não teve, a partir da manifestação dessa vivência pelo outro, como a angústia de um soldado ou o luto de uma mãe que perdeu seu filho na batalha? De todas as dores que ela presenciava,

o quanto o contato intersubjetivo permitia à sua consciência participar de uma correspondência real com aquilo que estava fora dela?

Em 1916 Edith Stein apresenta a sua tese, *Sobre o problema da empatia*. Se o lema da fenomenologia é ir às coisas mesmas e daí apreender os objetos como fenômenos participantes de um mundo comum, individual, o que é ver outra consciência agindo enquanto fenômeno? A outra pessoa seria uma “coisa” que não é uma coisa, um “objeto” que não é um objeto? O outro não pode ser reduzido, nem pode ser fruto de minhas conjecturas: o sujeito que não sou eu está pleno de consciência, de intencionalidades e de sentimentos que não estão em mim. Contudo, o outro também se manifesta em fenômenos e se mostra a meu eu por um corpo e por suas significações. Qual categoria de conhecimento se estabelece, qual modo de ciência se coloca em que um sujeito compreende outro sujeito *ele mesmo*? Pela “empatia”, termo utilizado por Husserl em suas ideias sobre a intersubjetividade, mas não desenvolvido, Stein põe tais questões fenomenológicas ainda mais a fundo: é possível experimentar a experiência alheia?

Ela narra o exemplo de uma amiga que conseguiu entrar em uma universidade, após anos de estudos, e veio imediatamente lhe contar o feito.

Enquanto vivo a alegria que é experimentada por outro, não percebo nenhuma alegria originária: ela não brota de modo vivo de meu Eu, nem tem o caráter de ter estado viva anteriormente como alegria lembrada, muito menos como meramente fantasiada, isto é, privada de vida real, mas é precisamente o outro Sujeito aquele que experimenta de maneira viva tal originariedade; sua alegria, que brota dele, é originária, embora eu não a viva como originária (STEIN, 2015, p. 78).

A alegria que vejo não brota de mim, mas também não é por mim fantasiada, não se apresenta em meu ser por uma simples memória, pois aquele acontecimento é específico daquele outro sujeito, então acontece no meu Eu e naquele instante por conseguirmos nos compreender pela alegria.

Não se trata de viver totalmente a experiência do outro, pois há uma vivência intransponível das sensações, das percepções internas em relação ao aqui e agora que é seu próprio corpo, mas posso vivenciar o objeto que o outro vivencia, posso elaborar da minha experiência a possibilidade de sua experiência, pelo objeto que se manifesta em comum. A empatia não coloca um sujeito dentro de outro, mas abre o ser de um deles a se dar conta do objeto da experiência do outro. Não há como eu

sentir a mesma dor de alguém que perdeu um ente querido, e também não há como eu me expressar de um modo tal que substitua alguém que vivenciou um estigma a partir da própria pele, mas existe uma possibilidade de abertura, que é a empatia.

Segundo Novinsky (2011), Stein se torna a segunda doutora em Filosofia de sua universidade. É habilitada e aprovada como professora do ensino secundário, mas como sua pretensão é desenvolver uma filosofia, deixa o cargo para se tornar a principal assistente de Edmund Husserl em Freiburg. Ela cuida dos manuscritos da próxima obra do mestre, sugere trechos, serve-se como interlocutora, apresenta seminários nas turmas de graduação, substitui o professor e ajuda a orientar trabalhos do grupo de pesquisa. Assim, naturalmente ela teria o mesmo destino que o seu colega Martin Heidegger, que escreveu uma tese sobre Duns Escoto (que anos mais tarde se descobriria ser uma obra apócrifa do autor medieval) e agora tinha uma cadeira de professor na universidade. Edmund Husserl escreve uma carta de recomendação para a diretoria:

Dra. Stein possui uma ampla e profunda educação filosófica, e suas capacidades para a pesquisa científica independente e para o ensino são inquestionáveis. Se a carreira de professor universitária for aberta para as senhoras, então eu seria o primeiro a recomendá-la com entusiasmo para admissão (HUSSERL, 1919, s./p.).

Mas não foi, nem ali, nem em outra universidade prussiana que Stein foi admitida. No ano seguinte, Edith ficou em casa, cuidando do casamento da irmã. Para afugentar a crise interna, pegou os manuscritos do amigo Adolf Reinach para transformar em um original de publicação póstuma e passou a visitar com frequência a doutora pioneira e então amiga Hedwig Conrad-Martius. Esta cuidava dos assuntos da casa, em recente matrimônio, enquanto escrevia um tratado de metafísica. Colaboraram juntas em uma encomenda de tradução de um livro sobre Descartes e a Escolástica. Edith precisou sanar uma lacuna de sua formação e ler mais sobre esse período medieval, centrado nos séculos XIII e XIV, em que se estabeleceu um movimento de interpretação e de metodologia do conhecimento teológico formado pelos mestres das recentes universidades, no qual tentava-se unir preceitos da fé cristã com os sistemas racionalistas vindos da filosofia grega e intermediado e disseminado pelos comentadores árabes da Pérsia mediterrânea à Península Ibérica conquistada. Edith buscou os artigos da *Suma Teológica*, os opúsculos medievais

como os de Pedro Lombardo e de Abelardo, até sentir crescer um interesse que de repente lhe preenchia. Passou por ela os textos místicos, os poemas apofáticos e, por fim, o *Livro da Vida* da carmelita espanhola Tereza D'Ávila. Ao fechar as páginas, Edith definiu: também ela teria fé e não seria mais judia apenas, seria católica.

Em 2 de fevereiro de 1922, ela foi batizada pelo bispo de Speyer, na mesma cidade onde conseguiria novamente um emprego de docência: uma cadeira de conhecimentos gerais no instituto de formação de professoras das irmãs dominicanas. Ali passaria oito anos, onde escreveria seus textos sobre pedagogia e sobre a condição feminina, na visão católica, como também pelo viés de uma cidadania política em geral, naquele momento em que as mulheres poderiam inclusive votar. Stein escreve:

A alma da mulher precisa ser ampla e aberta a tudo o que é humano; ela precisa ser cheia de paz, para que as pequenas chamas não sejam apagadas por vendavais; ela precisa ser quente, para que as sementes frágeis não se congelem; ela precisa ser clara, para que as ervas daninhas não possam alojar-se em cantos e dobras escuros; reservada, para que os assaltos de fora não ponham em perigo a vida em seu interior; vazia de si, para que a outra vida tenha lugar nela; e, finalmente, senhora de si e de seu corpo, para que toda a sua personalidade esteja preparada para atender qualquer chamado (STEIN, 1999, p. 140).

No fim dos anos 1920 para os anos 1930, promete um projeto audacioso: fazer dialogar Edmund Husserl e Tomás de Aquino. Heidegger publica nos *Anuários de Fenomenologia* o primeiro ensaio de Edith Stein acerca desse estudo comparativo, mas ela sente que precisa ir muito mais a fundo para fazer visível sua intuição. Na verdade, precisa de mais tempo, de mais pesquisa, e demite-se do instituto. Em uma imersão de meses, traduz do latim os dois volumes das *Quaestiones Disputatae de Veritate* do grande mestre escolástico, com uma apresentação e comentários que já a alçam como tomista em seminários e congressos. Tenta mais uma vez uma cátedra universitária. Em vão.

Em 1933, Edith Stein já era professora há quase dois anos do Instituto Científico de Pedagogia, quando Adolf Hitler assume o poder com os votos dos alemães. Em um dos primeiros decretos do partido nazista, todos os judeus ficam proibidos de assumirem cargos públicos, e Stein é demitida. Amigos começam um movimento de migração para a França ou Estados Unidos. Husserl, já aposentado, recebe o veto de acessar a biblioteca da Universidade de Freiburg. Heidegger, que

havia se tornado o responsável pela cátedra de seu antigo mestre, torna-se reitor. A simpatia inicial do autor de *Ser e Tempo* e *O que é a metafísica?* pelo nacional-socialismo do Terceiro Reich é gratificada com o cargo máximo.

Edith entra para o convento das carmelitas em Colônia e passa a se chamar, entre as irmãs, como Teresa Benedita da Cruz, em homenagem a seus dois guias espirituais na ordem, Teresa D'Ávila e São João da Cruz. Entre os grandes muros, o longo pátio e o seu claustro, consegue concentrar-se em seu projeto máximo, a união entre Fenomenologia e Escolástica, então somada à interlocução com a visão existencial da ontologia de Heidegger, que parecia ter sobreposto as lacunas ainda idealistas do pensamento de Husserl. Assim ela compõe um longo tratado, com mais de quinhentas laudas, que seria a definição e a síntese de seu novo quadro de pensamento: *Ser Finito e Ser Eterno*.

Fenomenologia e Tomismo

Stein parte da questão do ser, como outros fenomenólogos, e em seu caso, da questão do ser que eu mesmo sou como evidência primeira. Se primeiro Agostinho, para depois Descartes, estabeleceu que de todas as dúvidas sobre a minha realidade empírica, a primeira certeza seria “Eu sou, eu existo”, o primado não é o Eu, como se colocou modernamente, e sim o “sou”, ou melhor, o ser. Posso ter a certeza do Eu por ter a certeza do Ser – este sim é o princípio de todos, de tal maneira que sem o ser, nem pensamento, nem existência, nem ego se apresentariam. Ao constatar o ser em mim, tenho a experiência, pela presença, pelo ser-aí dado da totalidade das coisas no mundo, o ser em tudo, como o modo mesmo de eu ter contato, tenho experiência e conhecimento. Como a luz sobre todas as coisas que possibilita que meus olhos possam enxergar, da mesma maneira o ser é o brilho dos fenômenos para que o meu pensamento se forme, e dela a minha consciência e a minha constituição de pessoa.

O método fenomenológico tem como objetivo identificar o cerne essencial das experiências humanas, deixando de lado elementos acessórios e acidentais para atingir a verdade que emerge por meio de uma análise e reflexão criteriosas. Tal método busca explorar a capacidade própria ao ser humano de contemplar profundamente aquilo que lhe é apresentado, seja algo tangível ou conceitual, a fim de ampliar seu significado. A compreensão muitas vezes não ocorre de forma imediata

ao nos depararmos com uma experiência ou fenômeno, isto é, não é somente uma revelação do cotidiano e sim uma exploração daquilo que incide sobre a percepção (GYRÃO, 2015, p. 90). Sendo assim, é necessário seguir um procedimento específico para desvelar o verdadeiro sentido por trás do que nos é apresentado. Esse processo de investigação visa desvendar o significado subjacente e constitui o próprio método fenomenológico concebido por Edmund Husserl.

Ao contrário do Ego isolado de Descartes, que não consegue, portanto, ter certeza de mais nada além do próprio sujeito, a realidade do ser em mim transborda a realidade dos seres em geral, e nessa correlação entre o sujeito e o objeto, isto é, entre eu que sou observado e da coisa que é observada, há uma teia, uma rede, e não uma separação. O mundo que vejo manifestar-se faz o que sou, e não apenas um eu isolado é que pode conhecer algo. Em uma comparação moderna, poderíamos dizer: se alguém pede a outro para capturar uma foto que mostre quem ela é, a mera *selfie*, em uma espécie de foto 3x4 de seu rosto, seria entender o sentido do “quem sou” apenas cartesianamente; se ela mostra várias fotos de coisas, paisagens e pessoas com quem ela se identifica, indica mais uma compreensão fenomenológica e existencial, pois o mundo que ela vê, a via de fenômenos que ela conduz, diz do ser que ela é.

Ao conceituar, por fim, o que é a fenomenologia, Stein a separa tanto da dedução, uma vez que a filosofia não pode proceder como a matemática, partindo de teoremas e de um número finito de axiomas, quanto da indução, já que ela não necessariamente alcança verdades universais por vias indiretas, a partir da experiência sensível. Ela considera a intuição como princípio, em que se entendem as verdades filosóficas em si mesmas, não como uma implicação de outras verdades (STEIN, 2019). Desse modo, compreendem-se os fenômenos por suas singularidades. A fenomenologia busca, portanto, revelar as estruturas essenciais das experiências humanas, permitindo que o filósofo as compreenda em sua totalidade.

Para Stein, o limite não transposto nem por Husserl nem por Heidegger é a desconsideração da fonte de todo ser. Eles teriam ainda procedido ao modo de Kant, sem forçar o pensamento para aquilo que transcenda os entes e seja o imperativo de todo ser, mesmo que seja incognoscível para a linguagem. Afinal, não teria mais direito a filosofia a forçar as fronteiras da especulação em busca de um entendimento primeiro? Por mais que a coisa-em-si esteja para além da razão pura, não há outro

caminho que possa indicar uma verdade, como sonhavam os místicos São João da Cruz e Dionísio Areopagita? Se o filósofo busca a verdade, pode ele solenemente passar a desconsiderar as perguntas primeiras, como, por exemplo, de como foi possível o ser em vez do não-ser, de como é realizável a consciência se tudo se mostra enquanto inconsciência de si, ao colocar uma pedra sobre a metafísica?

Edith Stein chega a uma conclusão teológica através de Tomás de Aquino, e nisso se soma a autores como Étienne Gilson e Jacques Maritain na afirmação de uma *philosophia perennis*, isto é, de um modelo filosófico paralelo à linha histórica da contemporaneidade, que não acredita em um corte metafísico com a teologia, e sim em uma possibilidade mais universal para o conhecimento. Por mais deslocados e antiquados que soem, formam uma corrente que provoca a nós, contemporâneos, uma questão interessante: deve a filosofia prescindir de toda e qualquer empreitada de conhecimento transcendente, independente de uma religiosidade vinculável, para dar conta ainda de uma realidade intangível para as ciências? Os filósofos desde a crítica de Kant não consideram mais viável uma extrapolação metafísica para as suas meditações, a razão pura não alcança mais do que a estrutura de seus princípios analíticos e de seu contato com os fenômenos. Edith Stein, por sua vez, empreende um caminho para o tomismo a partir da fenomenologia husserliana.

Para Stein (2019), tanto Edmund Husserl quanto Tomás de Aquino compartilharam uma profunda confiança na capacidade da razão humana. Seria amplamente reconhecido que Husserl fez uma contribuição notável ao identificar o ceticismo em suas diversas manifestações na filosofia moderna e empreendeu esforços para afastá-lo. No entanto, é importante notar que, para Husserl, a *ratio* nunca denotou algo além da razão natural. Em contrapartida, Tomás de Aquino faz uma distinção entre a razão natural e a razão sobrenatural. Nesse contexto, segundo Stein em seu ensaio de diálogo entre as duas vertentes, Husserl provavelmente argumentaria que sua compreensão da razão transcende a dicotomia entre natural e sobrenatural, contudo essa distinção é essencialmente empírica para ele, uma vez que o autor alemão não se referiria nem à razão humana nem à razão de uma essência sobrenatural, mas sim à razão em si, aquilo que está implicitamente envolvido sempre que se deseja discutir a razão de maneira inteligível.

Por outro lado, a abordagem de Tomás de Aquino nunca se concentrou em uma crítica transcendental, como a de Husserl. Se hipoteticamente se considerasse

que Tomás de Aquino vivesse atualmente e adotasse uma perspectiva fenomenológica, seria possível argumentar que ele estaria de acordo com a possibilidade de se discorrer sobre a essência da razão em si, além das diferenças nas essências dos seres cognoscentes. Todavia, Tomás de Aquino enfatiza que, para delimitar as fronteiras do nosso conhecimento, essa abordagem não é suficiente, pois sempre dependemos necessariamente dos nossos órgãos cognitivos, isto é o ponto de partida de sua ontologia do conhecimento. Não podemos nos desvincular da corporalidade das apreensões, “assim como não podemos nos separar de nossa própria sombra” (STEIN, 2019). Mesmo se conseguirmos adquirir algum conhecimento sobre a estrutura dos espíritos superiores, ainda não seremos capazes de acessar o que é acessível a esses espíritos.

Nesse contexto, a fenomenologia parte do pressuposto de que, em princípio, não há limites para a nossa capacidade racional. Embora se possa reconhecer que a missão da razão seja infinita e que o processo de conhecimento seja inesgotável, a razão avança de forma linear em direção à sua finalidade última, isto é, a busca pela verdade plena, que atua como uma ideia orientadora que guia o percurso. Da perspectiva da filosofia fenomenológica, não existe outro caminho em direção a essa finalidade. Essa perspectiva também encontra ressonância na abordagem de Tomás de Aquino em relação à razão natural, que é igualmente infinita, implicando que nunca pode atingir plenamente sua finalidade, mas somente se aproximar gradualmente dela.

Não se trata, contudo, de atribuir à corporalidade a capacidade racional e emocional, que são características específicas do domínio espiritual. Se o corpo humano fosse considerado de forma isolada, desvinculado da alma e do espírito, ele seria percebido como uma mera reunião de atributos físicos (SAVIAN FILHO, 2016). No entanto, mesmo sob essa perspectiva, ele já denotaria a presença de um espírito, aquele do Ser Eterno, cuja comunicação se dá por meio das formas: de fato, qualquer corpo, inclusive os inertes, como as pedras, evidencia estar impregnado por uma essência, possui existência e manifesta um propósito que é a sua forma. Sob esse enfoque, poderíamos argumentar que, de certa maneira, na visão integrada de Edith Stein, não existe matéria destituída de espiritualidade.

É importante notar que Edith Stein também enfatizou que esse “Ser Eterno” não pode ser diretamente apreendido através dos fenômenos do mundo natural, mas

somente através de uma via de “não-conhecimento” e da ascensão apofática da linguagem, o que significa que não podemos descrevê-lo adequadamente com as limitações da linguagem ou concebê-lo plenamente através da razão. Para Edith Stein, a compreensão completa desse “Ser Eterno” requer a superação tanto da imanência quanto da transcendência, ou seja, a superação da ideia de que esse ser está totalmente imanente em nós ou completamente transcendente a nós. Em vez disso, ela argumenta que a verdadeira compreensão surge na união entre imanência e transcendência, onde o Eu é capaz de apreender a vocação do ser eterno dentro de sua própria realidade temporal.

A obra de comparação entre Tomás de Aquino e Husserl, embora encomendada e patrocinada pela ordem carmelita, não pôde ser publicada à época, porque em 1938, no mesmo ano em que morria Edmund Husserl, livros de judeus não eram autorizados à impressão e à distribuição. Ficaram, de Stein, os originais inéditos, e também tantos outros manuscritos, que ela levou consigo na fuga de Colônia para Echt, nos Países Baixos, quando a Segunda Guerra estourou. No caminho de fuga, Stein escreveu uma carta para o Papa recém-entronado, Pio XII, pedindo uma manifestação do Vaticano contra a perseguição aos judeus. Não obteve resposta.

Edith ficaria em paz no novo convento e supostamente longe do alcance das perseguições de Hitler, mas, na expansão territorial inacreditável que o Terceiro Reich realizou em combate, o território holandês foi anexado. Edith Stein pediu asilo na Suíça, para ela e para a sua irmã de sangue, Rosa, que também se convertera e passara a acompanhá-la. A autorização só veio para Edith, e ela repetiu o pedido para as duas. Os documentos chegaram em setembro de 1942. Contudo, em 2 de agosto, os soldados alemães capturaram mais de 300 judeus e católicos de origem judaica naquela cidade, dentre elas, Edith e Rosa. Elas foram enviadas a Auschwitz e, em 9 de agosto, tal como seus irmãos Frank e Paul, e seus sobrinhos e sobrinhas um ano antes, são mortas na câmara de gás.

A morte é o fim? Eis uma questão metafísica, mas que, neste caso, há de ser respondida historicamente: não. Em 1954, um sacerdote polonês chamado Karol Józef Wojtyła apresentou uma tese em Filosofia sobre o sistema ético de Max Scheler. Para entender melhor os escritos daquele polêmico e brilhante professor, buscou os livros de seus amigos e alunos de fenomenologia, dentre eles, Edith Stein. No mesmo período, *Ser Finito e Ser Eterno* foi enfim editado, e, pouco a pouco, a obra completa

da pensadora alemã se tornou disponível, com comentários e notas biográficas. O sacerdote polonês ficou especialmente admirado com aquela consistência de pensamento e passou a ver nos livros de Stein uma permanente interlocução. Duas décadas depois ele se torna o Papa João Paulo II e aceita, em 1987, o pedido de canonização da mártir católica entre os judeus, tornando Edith Stein, de uma estudante entusiasmada de Husserl e de uma acadêmica sonhadora, a Santa Teresa Benedita da Cruz, hoje uma das padroeiras da Europa.

Conclusão

A vida e o trabalho de Edith Stein são um testemunho impressionante de sua jornada intelectual e espiritual. Ela começou como uma estudante em busca de significado na fenomenologia de Husserl e, ao longo de sua vida, desenvolveu uma profunda compreensão da relação entre a filosofia e a fé. Sua exploração da empatia e da intersubjetividade a levou a questionar profundamente a natureza da consciência e da experiência humana. No entanto, seu caminho não parou na fenomenologia. Edith Stein também se converteu ao catolicismo e mergulhou na filosofia tomista, buscando uma síntese entre essas duas tradições filosóficas. Sua busca pela verdade a levou a um convento carmelita, onde ela continuou a explorar essas questões profundas e complexas.

Stein enfatizou que Husserl e Aquino compartilham de uma ênfase na razão como ferramenta fundamental para a compreensão do mundo. No entanto, ela também ressaltou que suas abordagens eram diferentes em termos de escopo e método. Husserl, por meio da fenomenologia, buscava identificar as estruturas essenciais das experiências humanas, concentrando-se na análise detalhada da consciência e dos fenômenos. Por outro lado, Aquino reconhecia a razão natural como infinita, mas enfatizava que essa razão depende dos órgãos cognitivos humanos e do mundo natural para compreender a verdade. Nesse sentido, Stein enfatizou que a compreensão completa do “Ser Eterno” requer a superação tanto da imanência quanto da transcendência, e que essa verdadeira compreensão surge na união entre imanência e transcendência. Ela argumentou que essa síntese pode ser alcançada por meio de uma abordagem fenomenológica que considera tanto a experiência

humana quanto a dimensão espiritual, sem perder de vista a importância do corpo e dos sentidos na formação do conhecimento.

Embora sua vida tenha sido tragicamente interrompida pelo Holocausto, seu legado perdura. Edith Stein foi canonizada como Santa Teresa Benedita da Cruz e é reverenciada como uma das padroeiras da Europa. Sua jornada filosófica e espiritual é um modelo filosófico de como a busca pela verdade pode nos levar à integração de saberes como a fenomenologia e o tomismo, que oferece bases tanto para a filosofia quanto para a teologia contemporânea.

Referências

GYRÃO, Maria Lucia Sales. Edith Stein – aspectos do método fenomenológico. **Cadernos da EMARF, Fenomenologia e Direito**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, p. 1-124, out. 2014/mar.2015.

HUSSERL, Edmund. Raccomandazione per L'Abilitazione di Edith Stein. *In*: NOVINSKY, Ilana. **Edith Stein (1891-1942): em busca da verdade em tempos sombrios**. Tese (Doutorado em História Social) – Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade de São Paulo (USP), 2011.

NOVINSKY, Ilana. **Edith Stein (1891-1942): em busca da verdade em tempos sombrios**. Tese (Doutorado em História Social) – Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade de São Paulo (USP), 2011.

SAVIAN FILHO, Juvenal. A antropologia filosófico-teológica de Edith Stein na história do conceito de pessoa. **Anais do Seminário Internacional de Antropologia Teológica**. Porto Alegre: EdiPUCRS. 2016.

STEIN, E. **A mulher: sua missão segundo a natureza e a graça**. Florianópolis: EDUSC, 1999.

STEIN, *Il problema dell'Empatia*. *In*: BAREA, R. **O Tema da Empatia em Edith Stein**. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Santa Maria, 2015.

STEIN, E. **Textos sobre Husserl e Tomás de Aquino**. São Paulo: Paulus, 2019.

STEIN, E. **Vida de uma família judia e outros escritos autobiográficos**. Tradução de Mario do Carmo Ventura Wollny e Renato Kirchner, revisado por Juvenal Savian Filho. São Paulo: Paulus, 2018.

Recebido em: 10/09/2023
Aprovado em: 27/09/2023